



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

EM IMAGENS - O LUGAR, A NATUREZA E AS COISAS

Dra. Carla Dias
NAAM / EBA / UFRJ
carlacostadias@gmail.com

“Pra você chegar na minha casa, pergunta aonde que mora a avó Albertina, vão saber te explicar. Eu moro do lado da casa dela, fica lá em cima... tem um morro... o pessoal daqui, a gente fala que aqui, é aqui embaixo, e lá é lá em cima”. (Messias, 11 anos)

A chegada

Janeiro de 2009. Preparamos todo o equipamento: máquinas fotográficas, projetor, filmadora, impressora, papéis diversos, lápis de cor, canetas, enfim, todo o material que poderíamos lançar mão durante o trabalho de oficinas. Em dois carros partimos para Paraty. Éramos três pesquisadores (um antropólogo e dois designers) acompanhados de nossas alunas, bolsistas IC e nossos filhos, que acabaram tendo um papel fundamental na nossa entrada e permanência em campo.

Período de férias escolares, verão, dia de sol e calor. Para nossa surpresa o grupo se surpreendeu com nossa chegada, imaginaram que não íamos. A reunião que tínhamos planejado, onde apresentaríamos o projeto para os moradores do Campinho foi suspensa por não ter sido programada. Decidimos começar, sem saber ao certo o que nos esperava. No dia seguinte chegamos para o trabalho de oficina. Uma promessa de que as crianças viriam e uma descrença de nossa parte, considerando o ocorrido na véspera.

Então, conforme combinado em idas anteriores com o grupo que está a frente da Associação de moradores e interessado em implementar um projeto cultural na comunidade voltado principalmente para jovens e crianças, chegamos no Campinho, no ano em que a comunidade Quilombola Campinho da Independência comemorava dez anos da titulação coletiva de seu território. Uma nova geração está crescendo, herdeira de um patrimônio conquistado pelas gerações anteriores. Quilombolas - uma identidade auto proclamada, um modo de ser, de construir e de vivenciar o espaço, o corpo, a natureza, a história suas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tradições, sua cultura.

O espaço do pátio da Casa de Artesanato foi reservado para nossos encontros. Sem mesas, cadeiras ou qualquer outro mobiliário, nos dispusemos a receber quem, por acaso aparecesse. E como pequenas formiguinhas que surgem sem que voce possa ver de onde, chegavam as crianças... muitas. Começamos anotando seus nomes, idades, sobrenomes... e agora!

Assim ouvimos as histórias do lugar durante o período que estivemos convivendo, principalmente, com as crianças. Este trabalho tem por objetivo apresentar o resultado das oficinas realizadas, principalmente as oficinas de registro fotográfico, durante o período de pesquisa de campo, com um grupo de crianças e jovens da comunidade quilombola Campinho da Independência, situado na área rural de Paraty, no sul do estado do Rio de Janeiro / Brasil.

O Campinho, a Independência

“O dono dessa fazenda, ele doou essa fazenda para umas três mulheres negras [...] que é a Antonica, a Luiza e a Marcelina, ele deu essas terras pra elas, aí elas falaram assim: “ Ah, então agente tem que sair e procurar os maridos e ter nossas filhos”. Aí elas saíram, encontraram os parceiros delas e foram, fizeram os filhos delas..., aí começou, vinham as pessoas[...] das outras fazendas que eram escravos, foi vindo, foi povoando aqui também, aí foi vindo e se formou um quilombo aqui, aí como tem aquela história do campinho, aí foi Quilombo Campinho da Independência, porque aqui era fazenda da Independência. Aí aqui formou tudo junto Quilombo campinho da Independência". (Ariane, 2009)

Assim as crianças recontam a historia da comunidade, de sua origem, de sua identidade. Hoje em dia, a comunidade tem cerca de 200 equitares de terra. Nessa terra, hoje demarcada e denominada Quilombo Campinho da Independência, lugar em que vivem aproximadamente 450 pessoas reunidas em 112 famílias divididas em 6 núcleos familiares, que são divididos não com muros nem faixas, mas sim pelas suas faixas de terra. O nome atual também é explicado por elas , o relato é uma explicação do sentido privilegiado dado as crianças na Comunidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

"Antigamente tinha um campo lá em cima, [...] era um morro, que tinha que subir pra jogar bola, aí eles não deixavam as crianças jogar lá, aí eles pegaram, as crianças – “vamos fazer um campo pra nós! Fizeram um campo ali, aí os adultos não quiseram mais jogar lá, só aqui em baixo, aí agora aqui, todo mundo fala de campinho. Pegaram nosso campo" (Luisa, 2009)

No que tange ao critério a ser utilizado para identificar as comunidades quilombolas, a Fundação Palmares produziu o Laudo Antropológico como forma de promover a auto-identificação do grupo/indivíduo na condição quilombola. Ao lado do reconhecimento da identidade quilombola pela própria comunidade, o estudo científico atestou a comunidade como remanescente de quilombo. Com base no laudo antropológico, o Governo do Estado, através do ITERJ (Instituto de Terras do Estado do Rio de Janeiro) realizou o levantamento físico topográfico da região. No início o processo forneceu credibilidade às lideranças locais que iniciavam naquele momento a sua participação na luta pelo processo de regularização; Introduziu nas discussões realizadas pela AMOC outras questões além da titulação das terras. No caso, passaram a reivindicar ações sociais relacionadas à educação, cultural, lazer, trabalho, renda e meio ambiente; Promoveu a visibilidade da causa quilombola, intensificando o aparecimento de oportunidades para a comunidade.

Hoje, o termo quilombo tem sido usado para designar a situação dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos no Brasil. Arruti chama atenção para o caráter polissêmico que o termo. Para o autor consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar.

O multiculturalismo e as políticas de reconhecimento surgem como um movimento de revisão deste processo, levando a um fortalecimento das identidades, que vem acompanhado de novas demandas por direitos, seja na defesa de territórios, seja na proteção dos modos de produção dos “saberes tradicionais”.¹ A discussão em torno da idéia de tradição permeia os estudos da cultura material. Ela fixa sua atenção em um aspecto da

¹ A dimensão desta inflexão é tão extensa que, hoje, a valorização do etnoconhecimento e o etnodesenvolvimento é pauta e recomendação oficial de agências multilaterais como o BID e o BIRD, além de instâncias como ONU e UNESCO.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

cultura, “os valores tradicionais”, cujo resgate e conservação considera fundamentais, frente à aceleração crescente da industrialização e o desenvolvimento dos meios de comunicação. Um contraponto ao moderno, marcando a existência de tempos distintos. Organizada na Associação de Moradores do Quilombo Campinho da Independência (AMOQC), a população busca alternativas de geração de renda que possam ser desenvolvidas no seu próprio território. É para isso que a Associação de Moradores de Campinho vem se mobilizando, em torno da questão da implantação de projetos de auto-sustentabilidade. Este é o maior desafio da comunidade. A AMOQC tem se preocupado com a implantação de um projeto educativo relacionado ao resgate de suas práticas culturais tradicionais. Com o projeto ‘Manoel Martins’, financiado pelo Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura, o Campinho da Independência se constituiu num ‘Ponto de Cultura’. Desde então vem oferecendo diversas atividades de resgate e de formação cultural, como oficinas de Capoeira Angola, de percussão e confecção de instrumentos, de cerâmica e cestaria e, principalmente, um grupo de Jongo.

No campo

O trabalho de campo foi desenvolvido no contexto de um projeto de pesquisa e extensão constituído por uma equipe de pesquisadores de diferentes campos disciplinares - antropologia, arte, design, educação². Pensando inicialmente em investigar os objetos que tinha como objetivo reconhecer nas práticas e saberes locais os caminhos atuais de tradição e cultura quilombola daquele grupo específico foi o ponto focal das nossas discussões, articulações e base de todas as ações realizadas.

² Como parte do projeto “O Caminho das coisas – estética e cultura em uma comunidade quilombola” desenvolvido com o apoio da FAPERJ. O projeto pretendeu desenvolver uma série de atividades no âmbito da educação artística, articulando os saberes locais, identificados na pesquisa de campo, a uma proposta político-pedagógico, contribuindo deste modo, para uma formação de uma educação diferenciada. Entre estas atividades, foram de especial relevância as oficinas de troca de meios construtivos e representativos para a produção de material paradidático, e a realização de uma exposição com a produção deste processo na comunidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Na história da educação brasileira o campo sempre foi percebido como um lugar “outro” que, a partir de uma perspectiva francamente etnocêntrica e evolucionista, representa a carência e o atraso, isto é, espaço social a ser desenvolvido dentro dos padrões urbanos, e não em função de suas características próprias. É contra tal lógica que se defende a proposição de uma política diferenciada, cujo objetivo não deve ser mais levar a mesma escola a todos os lugares e populações, mas criar uma escola que reconheça e dialogue com esta diversidade. A partir de encontros negociados, decidimos concentrar o trabalho de oficina no período de férias escolares, ao contrário do que nos propunhamos anteriormente. Foi aberto o espaço para estarmos com as crianças no momento em que elas estariam sem atividades formais. Nas oficinas pudemos vê-los brincar, se movimentar, se manifestar verbalmente e corporalmente. Convivemos com este grupo de crianças, nas oficinas, nos banhos de rio, em visitas as suas famílias, na roda de jongo, na coleta de frutas, nos passeios. Desenhamos na beira do rio, em roda, nas salas de aula da escola; gravamos conversas e histórias. Decidimos trabalhar com o ritmo delas, permitindo o ir e vir contínuo de grande parte do grupo. Na educação formal, os professores percebem as crianças como seres a-históricos, despossuídos de expectativas, desejos e capacidades. Este posicionamento revela uma forma de olhar as crianças que impedem os adultos de enxergá-las na complexidade das relações que se inter cruzam nas suas diferentes constituições, vistas como alguém que precisa ser “domado”, disciplinado, tornado gente, adulto, mas nunca cidadão responsável, ator de direitos e deveres e principalmente, sujeitos do processo de criação identitária. Algumas tentativas de deslocar a perspectiva colocada por esses agentes educacionais foram feitas por educadores locais e por colaboradores institucionais. Nossa chegada, portanto, foi percebida como uma contribuição nessa direção. Walter Benjamin (1995), alegoricamente, nos apresenta uma visão de criança inserida em sua classe social e capaz de produzir cultura. A criança neste contexto é sujeito, é ator social, produtora de cultura, e – levando em conta suas especificidades em relação ao adulto, - é cidadã. Olhar a criança como sujeito numa situação de pesquisa requer considerá-la como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

co-participante do processo, reconhecendo sua voz como expressão da capacidade de compreender sua peculiaridade e de construir um conhecimento sobre ela³.

Através das oficinas e de nossa disponibilidade para compartilhar alguns saberes específicos do campo da arte e do design com a comunidade, a equipe do projeto teve a oportunidade de conviver e estabelecer com as pessoas do Campinho, principalmente da Associação de Moradores, uma relação de confiança. Da mesma forma, enquanto usávamos as câmeras de fotografia e vídeo para documentação das oficinas e entrevistas com os mais velhos, tínhamos o cuidado de oferecer a eles outras câmeras para que eles também participassem das nossas ações e nos apresentassem seus modos particulares de ver e mostrar o seu lugar, valores, cultura.

Resultaram do nosso tempo de permanência na comunidade uma vasta quantidade de desenhos, pinturas, desenhos animados feitos a partir dos registros de vídeo, fotografias feitas pelas crianças, pelo grupo de pesquisadores, além de registros de depoimentos gravados em vídeo. Diferente dos adultos que sentiam certo incômodo com a proximidade da câmera, as crianças se empurravam para se inserir do ângulo do enquadramento. Chegavam se apresentando, falando seus nomes, conversando uma com a outra e conversando com a câmera, ou com quem estava por detrás dela. Com o microfone contavam histórias cotidianas e histórias que lhes eram contadas. Não demonstravam estranhamento com o excesso de equipamento ali presente, mesmo porque algumas já haviam freqüentado as oficinas de vídeo oferecidas no Ponto de Cultura do Campinho.

“Eles criavam tudo, criavam galinha, criavam porco, plantavam milho, [...] aí eles, com esse lucro que eles tinham, eles pegaram e foram vender lá em Paraty, só que antigamente não tinha a BR, eles tinham que pegar e ir pelo meio do mato, numa trilha aqui, aí demorava, demorava, [...] aí chegava lá, vendia os produtos, aí voltava aí, antigamente como era difícil o acesso, as vezes os vizinhos falava, ah compra esse negócio pra mim, compra outro negócio, aí sempre era difícil pra poder ir e voltar pra Paraty, porque não tinha um ônibus e com a BR, também,

³ Percebi ao conversar com Dona Madalena, uma griô, que seu “orgulho” estava relacionado com o trabalho na “roça”, com as dificuldades enfrentadas para vender artesanato em Parati antes da construção da BR, com a luta para conseguirem legitimar a terra. Dona Madalena relatou sua relação com a “Mãe Terra” de uma maneira emocionada e sábia. Contou sobre seu casamento, seu trabalho de parteira e rezadeira. Luiza, sua neta, recontou para todos, durante nosso encontro, a história de sua avó, ouvida por ela quando fomos conversar com Dona Madalena.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

quando começou a BR [...] essa areia [...] assoriou todo o rio, o rio era muito fundo, era muito mais fundo do que é aquilo que ta hoje [...] que no rio eles pescavam, tiravam peixe, tudo do rio, que aqui tinha um peixe que é o cascudo, o peixe que dava mais, eles pegavam as vezes vendia, as vezes comia, entendeu!(Ariane, 13 anos)

As crianças quiseram nos mostrar o mais possível, do lugar, cada gesto, cada coisa. As crianças passaram a dialogar sobre o seu mundo e o alcance de sua trajetória. Cada imagem apreendida e apresentada suscitava uma serie de outras. Algumas crianças levaram as maquinas para suas casas durante a noite. Alguns usaram a função de filmar das câmeras e registraram pequenas tomadas que nos mostraram a intimidade das casas: encanamentos, caixas d'água, telhados, pisos, aparelhos diversos, programas de televisão, pratos de comida, brinquedos, enfim, todo um conjunto de coisas reconhecidas como significativas de seu universo doméstico.

Além de lugares significativos que demarcam esse novo lugar social que esta sendo criado na invocação de uma cultura que sinalize a identidade agora proclamada. A Igreja, lugar de reunião, sociabilidade, convivência. A sede da Associação que segundo Vinicius (11 anos) “é um lugar que todo mundo vai lá pra trabalhar, o Ronaldo, o meu tio Siney, o Waguinho, a Taninha também trabalha lá... a Érica. o Fábio. Tem uma porção de pessoas lá”. A casa de artesanato “é um lugar de cultura”. Uma dada natureza conhecida e ordenada socialmente é intensamente representada: árvores nativas, flores em jardins, animais domesticados, plantações de mandioca e abacaxi, o rio que se nada, que se atravessa e que se pesca.

O rio que corta o Quilombo também tem um papel muito importante para as crianças, que costumam brincar de pique-pega, pular do alto das pedras e, até a segunda semana de pesquisa, saltavam, com habilidade e sem demonstrar medo, de uma árvore que acabou caindo. Nem todos mergulham, por que alguns "são muito pequenos ainda" e, pelo que me contaram, só aproveitam o rio durante as férias ou quando “fogem” após a aula, tomando uma bronca dos pais depois. as crianças brincam com os elementos naturais que o lugar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dispõe. Uma brincadeira muito presente era a de subir nas árvores para pegar frutas (a jaca, a graviola e as goiabas, principalmente).

“Eu pesco. Pesco desde os quatro anos. [...] Tainha, tilápia, bagre, cará... tudo. Um dia, peguei um peixe deste tamanho assim, ó. Quase minha linha arrebentou, que era uma traíra. Antigamente eu ia com o meu pai pescar, porque o rio era muito fundo, aí meu pai tinha medo de eu cair no rio e morrer. Aí eu ia com ele pra pescar. Eu pescava lá, pro lado da outra banda... Aí tem um caminhozinho assim, aí vai indo, tem o rio... Que antigamente tinha uma ponte, mas só que agora, não tem mais. Eles faziam a ponte, só que a correnteza levava. Mas a gora não tem mais ponte não. A gente tem que atravessar o rio com a água mais ou menos aqui na canela. Aí a gente vai, atravessa e do outro lado, tem um rio e a gente começa a pescar...”(Vinicius, 11 anos)

Também construções foram documentadas pelas crianças. Quase todos fotografaram os lugares partilhados e coletivos: igrejas, escola, casa de artesanato, casa da Associação de Moradores, quadra, restaurante. Fotografavam principalmente a si mesmas e os amigos. Posicionavam a câmera muito próxima de seus rostos, se auto fotografavam em partes, como tentando apreender um novo ângulo de si mesma, um outro olhar, um outro espelhamento. As fotos foram fundamentais para que pudéssemos ver o que nossos olhos não alcançaram, nos dias que lá estivemos.

Além da história de Campinho estar registrada nas memórias dos mais velhos, passadas para as novas gerações, a tradição do quilombo também poderá ser conhecida na Casa do Quilombo, que conta com utensílios e materiais de trabalho artesanais usados por seus moradores, além de um acervo fotográfico.

Os mais velhos prestando atenção nos mais novos, reconhecendo neles sabedoria e oportunidade de continuidade: saber das crianças seus interesses, contar e ouvir histórias, entender sua participação na construção e na permanência dos saberes tradicionais da comunidade, perceber a alegria e a vitalidade que somam ao movimento de formação da identidade quilombola. Pensar numa educação diferenciada significa pensar em um tempo de práticas que permitam e favoreçam as trocas.

Interessou-nos compartilhar o lugar social da criança e não exatamente sua participação e integração no mundo dos adultos. Focalizar a infância como um tempo singular, seu olhar sobre o lugar que vive, seus modos de projetar o corpo, suas formas de brincar, seus



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

espaços de brincadeira, sua relação com a história e a memória, com características próprias, e compreender essas práticas em sua dimensão de socialização e de aprendizagem, através das quais as crianças participam ativa e livremente do universo social da comunidade.

Com base nesse material e usando a mesma premissa do trabalho da equipe de incluir os integrantes da comunidade nas discussões e rumos do projeto, foram produzidos: um livro com fotografias e falas das crianças apresentando o lugar e a cultura, bem como um conjunto de painéis em tecido para exposição com temas determinados pelo grupo da associação de moradores: *Movimento Quilombola, Griôs, Sustentabilidade, Cultura, Território e Nova Geração*.⁴

Com particular interesse na maneira como as crianças reproduzem o discurso elaborado pelos novos agentes comunitários e reconhecem o lugar em que vivem como lugar que fornece significado, também a infância que desfrutam. Fotografias tiradas por algumas crianças e jovens que nos apresentam o lugar, o território social onde brincam e constroem sua identidade coletiva, de quilombola. Considerando que o olhar é aprendido, assim como os gestos e o gosto, a arte pode ser pensada com uma construção do cotidiano, uma maneira de expressão, organização e comunicação, uma ação socializada, uma produção que varia segundo as sociedades e culturas. Assim, todo um universo aparece representado nas imagens, o interior e a fachada das casas, televisões em funcionamento, motocicletas, carros, mas, principalmente, os lugares, os espaços percebidos pelo grupo como territórios culturalmente constituídos e socialmente vivenciados, a base física onde se constrói a tradição do grupo de moradores que agora se reconhecem Quilombolas. Através das crianças pudemos conhecer as formas e saberes “tradicionais” que o grupo reconhece como significativo no universo de sua cultura material e imaterial. O projeto teve em vista a construção de um patrimônio cultural nos termos da própria identidade, cuja manutenção deverá levar em conta o seu caráter dinâmico, os novos significados que lhe são atribuídos

⁴ A escolha da organização do livro de fotografias das crianças, bem como a inclusão na exposição do painel “nova Geração” foi pautada nas discussões do grupo de pesquisadores com educadores locais, acreditando que um novo olhar sobre a infância está acontecendo na comunidade a partir de ações e parcerias estabelecidas pela associação de moradores.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

por aqueles que são os seus produtores, assim como as possíveis apropriações e ressignificações por parte, sobretudo junto às novas gerações.

A memória contada é recriada. As crianças da Comunidade têm sua sociabilidade marcada por uma nova dimensão identitária. São quilombolas, aprendem o significado deste enunciado através das histórias que lhe são contadas por aqueles que constroem cotidianamente sua história. Olhar as coisas, olhar a natureza, olhar os outros, construir o mundo ao olhar, ao contemplar instantes que se prolongam em seqüências intermináveis mas plena de pausas e sentidos. Aqui destaco um olhar sobre olhares, maneiras de contar o mundo e enquadrar sentidos. Um olhar das crianças sobre o lugar em que vivem. A natureza, as pessoas, modos de projetar o corpo, suas formas de brincar, seus espaços de brincadeira, sua relação com a memória e a história que estão construindo cotidianamente. O projeto pretendeu desenvolver, de modo conjugado, atividades de pesquisa de campo antropológica e atividades educativas diversificadas, de forma a promover a reflexão, por parte do grupo, a respeito da sua própria trajetória social e acervo cultural.

Referência bibliográficas:

- ARRUTI, José Mauricio A. Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola. Bauru: EdUsc, 2006.
- BECKER, Howard S. 1976. Arte como ação coletiva *in: Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar
- BECKER, Howard S. 1977. Mundos artísticos e tipos sociais *in: G. Velho, org. Arte e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar
- DIAS, Carla. *Panela de Barro Preta: a tradição das paneleiras de Goiabeiras*. Rio de Janeiro: Mauad X. 2006.
- GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon, 1998.
- GONÇALVES, José Reginaldo. Teorias antropológicas e objetos materiais. In: _____. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN / DEMU, Col. Museus, memória e cidadania, 2007, p. 13-42.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

GRABURN, Nelson H. 1976. Introduction: The arts of the Fourth World *in*: Ethnic and Tourist Arts: Cultural Expressions of the Fourth World. Berkeley: University of California Press.

GUSMÃO, N.M.N.de. *Terra de Preto; terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro*. Fundação Cultural Palmares. Brasília. 1995. 260 p.